

AÇÕES SOCIOEDUCATIVAS NO ÂMBITO DO IFSP: estratégias de educação para além da sala de aula

Eulália Nazaré Cardoso Machado¹, Dione Cabral²

¹IFSP – Câmpus Araraquara. e-mail: eulalia_machado@ifsp.edu.br

²IFSP – Câmpus Araraquara. e-mail: dionecabral@ifsp.edu.br

Resumo: Este trabalho busca uma reflexão sobre a utilização de recursos da educação não formal para a implementação de ações socioeducativas realizadas pelas equipes multiprofissionais no âmbito do IFSP.

Palavras-chave: AÇÕES SOCIOEDUCATIVAS. EDUCAÇÃO. EQUIPE MULTIPROFISSIONAL

Linha Temática: Ações Sociopedagógicas (ASP).

1 INTRODUÇÃO

A visão que se tem de escola é como uma instituição ímpar, com sentidos e objetivos comuns, ensinar e aprender, com a função de garantir o acesso aos conhecimentos socialmente acumulados. Trabalhar para se atingir esses objetivos tem sido o grande desafio da escola. Contudo esses conhecimentos, acabam por serem reduzidos a produtos, resultados e conclusões, sem se levar em conta os valores construídos no decorrer do processo ensino aprendizagem assim como os conhecimentos prévios do aluno. Desta forma o conhecimento escolar se torna objeto, a ser transmitido por meio de aulas expositivas, materiais que não consideram o perfil do aluno para o qual se ministra a aula, apostilas e livros didáticos adotados. A ação de ensinar se reduz a transmissão desses conhecimentos acumulados e aprender se torna assimilá-lo e absorvê-lo. Nesta ótica, enfatiza-se os resultados valorizando-se os instrumentos, ou seja, exercícios, questionários, provas e notas e a escola acaba se limitando a aprovar ou reter o aluno. Nessa perspectiva, não existe sentido algum em estabelecer relações entre a experiência do aluno e o conhecimento escolar, entre o escolar e o extraescolar, justificando-se a desarticulação entre o conhecimento escolar e os conhecimentos prévios do aluno. Dessa forma, o processo de ensino/aprendizagem ocorre de forma a homogeneizar ritmos, estratégias e propostas educativas para todos, não considerando-se a diversidade sociocultural que o cerca. A ótica de transmissão não reflete um trabalho ativo, participativo de apropriação e construção que considere a diversidade cultural. A diversidade de fato que envolve o aluno quanto a percepção e construção de conhecimento reduz-se a diferenças apreendidas no sentido da cognição e das expectativas que se estabelecem (esforçado, empenhado, preguiçoso, relapso, etc.), ou nas manifestações comportamentais (bom ou mau aluno, obediente ou rebelde, disciplinado ou indisciplinado, etc.), desconsiderando-se na ação educativa as dimensões humanas dos sujeitos - alunos, docentes e técnicos administrativos que dela participam. Utilizando-se do discurso da garantia de acesso e da democratização da escola, essa ótica consolida o caráter homogêneo de conteúdos, ritmos e estratégias e portanto não contempla a diversidade. Neste contexto a organização da escola quanto a sua dinâmica, ocupação dos espaços, ritmos, tempos, resultados esperados permeia-se pela lógica da homogeneidade, numa alusão a igualdade e esta muitas vezes utilizada para justificar o tratamento uniforme e os possíveis fracassos (desvios do padrão de uniformidade). Não podemos negligenciar o que essa perspectiva o faz, os alunos chegam à escola como sujeitos socioculturais, com histórias pessoais diversas que são reflexos dos processos de desenvolvimento, afetivo, social e cognitivo construídos e constituídos durante as experiências pelas quais cada um passa em contextos escolares e extra escolar. O intercâmbio entre escola e comunidade favorece a troca de experiências, é um processo contínuo de ampliação de conhecimento, onde todos os sujeitos envolvidos aprendem e ensinam. Superar a visão homogeneizante e uniforme requer admitir as diferenças, portanto a diversidade da historicidade e abrir para a compreensão de experiências sociais vivenciadas nos mais

diferentes contextos e espaços sociais. É no interior da cultura e das relações sociais que o sujeito se constrói e se reconstrói continuamente.

O homem não pode ser compreendido fora de suas relações com o mundo, de vez que é um “ser em situação”, um ser do trabalho e da transformação do mundo (...) Nestas relações com o mundo, através de sua ação sobre ele, o homem se encontra marcado pelos resultados de sua própria ação. Atuando, transforma, cria uma realidade que, por sua vez, envolvendo-o, condiciona sua forma de atuar. Não há portanto, como dicotomizar o homem do mundo, pois que não existe um sem o outro. Freire (1979, p.28)

Neste sentido a equipe multiprofissional pode atuar efetivamente de forma a articular para uma educação em seu sentido mais amplo, promotora de mecanismos de inclusão social, por meio de participação e organização de atividades socioeducativas.

2 EXPERIÊNCIAS DE PROJETOS

A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (Lei nº 9394/96) institui como princípios e fins da Educação, o pluralismo de ideias, a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber, a consideração com a diversidade étnica-racial, dentre outros. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, por meio de seus documentos institucionais, tanto os definidos pela sua Pró-Reitoria de Extensão, a partir da portaria 3314/11, que propõe uma via de mão dupla no processo ensino-aprendizagem, ou seja, uma relação de troca entre o conhecimento acadêmico e as necessidades e interesses da comunidade, levando-se em conta a diversidade cultural e a inclusão social, como também a Resolução 41/2015, que regulamenta a Assistência Estudantil no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, formulada a partir do decreto federal 7.234 de 2010, entende a educação como direito, em compromisso com a formação integral do sujeito. Configura-se como uma política que estabelece um conjunto de ações que buscam reduzir as desigualdades socioeconômicas, e promover a justiça social no percurso formativo dos estudantes.

Considerando a necessidade de ações articuladas que garantam a qualidade da educação no sentido de que ela seja um processo que contribua para emancipação humana, pelo qual se faz necessária a:

articulação com os processos de visibilidade social e política de um amplo conjunto de sujeitos coletivos e uma fundamentada político-pedagógica mediação com as condições de vida, trabalho e de educação dos sujeitos singulares com os quais atuam no cotidiano institucional (CFESS, 2012)

A Política de Assistência Estudantil formulou o Programa de Ações Universais compreendendo ações que contemplam atividades culturais, esportivas, ações de prevenção, promoção à saúde, inclusão digital, assuntos da juventude, políticas afirmativas e outros, voltados para todo o corpo discente, independentemente da condição socioeconômica. As ações de promoção à cultura no âmbito da Política de Assistência Estudantil têm por finalidade incentivar, promover e garantir a prática, difusão e acesso democrático à produção artística e cultural. Essa relação é simbiótica.

A escola é, assim, um locus privilegiado de mediação e intervenção na vida comunitária. Sua missão não se encerra nas ações intrainstitucionais, mas vão além, sendo um meio específico de transformação na realidade das comunidades em seu entorno. Essas mediações podem ser possibilitadas a partir do que chamamos de educação não formal, caracterizada pelas práticas socioeducativas e que se distinguem da educação formal. “A educação não formal é aquela que se aprende no mundo da vida, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas.” (GOHN, 2014, p.35). A educação não formal, semelhante em termos conceituais à pedagogia social e à educação popular, fundamenta-se na práxis educativa, compreendendo uma ação transformadora da realidade, humanizadora, libertadora e crítica, que desmitifica a opressão mesmo dentro do oprimido (FREIRE, 2009). Ela é baseada nas discussões, sendo dialógica-dialética (GADOTTI, 2000), por onde se pretende ampliar a visão de mundo dos sujeitos envolvidos. Sendo troca, a comunicação torna-se ferramenta imprescindível. “Para Freire, é a comunicação que possibilita aos sujeitos a coparticipação no ato de pensar, o que se dá por meio de reciprocidade, da intencionalidade e da não passividade” (GROPPO e COUTINHO, 2013, p.24).

O Sociopedagógico no câmpus Araraquara tem atuado intensamente nas ações socioeducativas, na perspectiva do acesso a atividades do mundo acadêmico, em ações articuladas à Pesquisa e Extensão, fomentando a participação de alunos em congressos, feiras temáticas, e eventos acadêmicos em geral. Também se constitui um forte princípio, as ações que promovam o acesso ao universo cultural, esportivo, aos temas da juventude e ao combate ao preconceito e discriminação. Através da participação nas comissões de eventos do câmpus, da participação em projetos de extensão, e por meio do próprio programa de Ações Universais, pudemos promover debates e apresentações culturais nas semanas oficiais de eventos do IFSP, como na SNCT.

Dentre as diversas ações socioeducativas desenvolvidas pela equipe multiprofissional do IFSP do câmpus, destacamos algumas atividades realizadas, a fim de buscarmos indicações de possíveis caminhos a serem trilhados, na perspectiva da educação ampliada, como propõe os documentos institucionais do IFSP. Para isso, apresentamos algumas atividades ocorridas num interstício de três anos, entre 2014 e 2016.

Neste período, as ações socioeducativas organizadas, participação na organização e/ou acompanhadas pelo Núcleo Sociopedagógico, dividiram-se em eventos, projetos de extensão e ações universais que articularam-se entre si e com Pesquisa e Extensão, com as atividades e propósitos do Núcleo e de encontro à perspectiva da educação ampliada.

Consideramos eventos as atividades oficiais: Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, I Semana da Diversidade e Setembro azul que, de forma articulada, abordaram as temáticas Diversidade, Escravidão e Memória, Políticas contra a violência contra a mulher e em favor dos direitos das crianças e dos adolescentes, Inclusão e Desafios e possibilidades no cotidiano escolar.

Já os projetos de extensão “O Cinema Vai Pra Rua” e “Trocando em Miúdos”, desenvolvidos entre 2015 e 2016 de maneira articulada e complementar, atuaram com objetivo de fomentar o acesso à produção cultural cinematográfica, musical, teatral e dança com atividades internas e externas. As ações universais, desenvolvidas entre 2014 e 2015, foram ações que contemplaram atividades no âmbito cultural, esportivo, inclusão digital, inclusão e acessibilidade, assuntos da juventude e outros. Neste contexto foram desenvolvidos vários projetos: “Sexismo no contexto escolar”, “Teatro de Improviso e criação de grupo teatral”, “O IFSP na 31ª Bienal, Formação de time de futsal para disputar competições pelo IFSP/ARQ”, “O uso de Lógica de Programação como ferramenta de ensino”, “Espectros”, “Construção de um site de apoio ao ensino de matemática”, “Construção de uma maquete ferroviária”, “Visita ao museu do futebol em São Paulo”. Os projetos foram desenvolvidos por meio de visitas, rodas de conversa, oficinas, grupo de estudos, formação de time, identificação de demandas, construção de site e construção de maquete ferroviária.

No âmbito dos projetos de ações universais destacamos dois no escopo do NAPNE – Núcleo de apoio as pessoas com necessidades específicas, no qual atuamos desde sua instituição no câmpus: “Soluções criativas para a inclusão: desenvolvimento de materiais inclusivos” e “Viva a diferença!”, que enfocaram no primeiro a formação inicial em tecnologia assistiva, confecção de materiais de ensino matemático inclusivos e no segundo levantamento das demandas atuais no câmpus em 2016, realização de mapeamento sobre as produções científicas que tratem de produção de tecnologia assistiva, identificação das necessidades de adequações arquitetônicas para o estabelecimento de um plano de ação para o núcleo.

Dentre todas as ações desenvolvidas e ou acompanhadas, destacam-se os projetos de extensão “O Cinema Vai Pra Rua” e “Trocando em Miúdos”, Semana Nacional de Ciência e Tecnologia e Semana da Diversidade. O projeto “O Cinema Vai Pra Rua” desenvolvido nos anos 2014, 2015 e 2016 teve como objetivo fomentar o acesso à produção cultural e a formação de plateias; apresentar, explorar a linguagem audiovisual e criar espaços especiais para sessões de cinema levando cultura e entretenimento a locais públicos, especialmente nos bairros do entorno do IFSP, em associações, ONGs locais e nos espaços internos do IFSP, promovendo discussões com os espectadores, utilizando-se da produção audiovisual como ferramenta de reflexão e de formação do pensamento crítico. O cinema é um meio por onde se expressam linguagens próprias, formuladas através de recursos que vão das estruturas narrativas à esquematização de planos e cortes, de diversas técnicas como iluminação, cenografia, sonografia, dramaturgia e que traduzem o modo de ver de quem cria o filme, seu discurso e sua intenção. Desenvolver uma leitura crítica acerca da produção cinematográfica requer essa reeducação do olhar, onde o espectador permite-se enxergar nas entrelinhas o que está dado e poderia ser imperceptível à primeira vista. O projeto “Trocando em Miúdos”, desenvolvido em 2014 e 2015,

teve como objetivo estimular à produção, valorização e divulgação da cultura artística na perspectiva do acolhimento, interação e integração por meio da dança, música e teatro através de apresentações internas e externas em articulação com o projeto “O Cinema Vai Pra Rua”. A semana Nacional de Ciência e Tecnologia - SNCT de 2014 com o tema “Ciência e Tecnologia para o desenvolvimento Social” possibilitou reflexões e debate sobre Diversidade em suas diversas faces. A I semana da Diversidade abordou as temáticas, "Educação e Diversidade Sexual", "A realidade africana não encontrada nas literaturas brasileiras", "Diversidade dos Povos Indígenas no Brasil: histórias de resistência e lutas, "Formação de professores para a diversidade na perspectiva da lei 10639 que inclui o ensino de história e cultura africana no contexto escolar" e "Políticas e combate à violência relacionada ao gênero”.

As atividades socioeducativas sempre foram apresentadas e desenvolvidas na perspectiva inclusiva, respeito a diversidade e de valorização dos sujeitos enquanto sujeitos sociais.

3 CONCLUSÕES: A Cultura e o seu papel no empoderamento do Ser Social

A Cultura é um meio por onde o homem reconhece sua identidade. É também uma forma de se expressar, fazendo-se ser reconhecido. É, assim, uma forma de ser visível diante do outro, num mecanismo de autopreservação, de resistência, diante das hostilidades que o mundo apresenta. Representa também uma possibilidade de transformar indivíduos em sujeitos, criadores de sua própria história. Essa transformação passa pelo exercício da consciência. Transformando indivíduos em sujeitos, transforma-os também em cidadãos. Aí reside a importância de valorizar ações que promovam o desenvolvimento cultural, pois daí poderá ser ampliado o sentimento de coletividade e o fortalecimento de seus valores.

No mundo contemporâneo, diante da diversidade que está posta, passa a ser necessário que se faça o entendimento das particularidades. Símbolos consistem em fontes de orientação de comportamento dos grupos, são fontes de resistência e de autopreservação. Os valores estão moldados pelos processos sociais, em constante transformação. A necessidade e o desejo ao acesso à cultura podem ser percebidos e virem de encontro à aspiração que um povo tem à instrução, ao conhecimento. É um desejo de luta, de superação, de transformação da realidade. Bosi (1988) dirá que “Se a promoção das classes pobres depende da instrução, na cidade ou no campo, se é preciso reivindicar o direito à ciência e à arte, essa luta é já, em si, uma fonte de cultura”. (BOSI, 1988, p 29)

E deve-se observar a pluralidade. Não há como conceber homogeneização quando podermos perceber diferenças nas origens, na construção das histórias, nos processos de formação de grupos, dos bairros, das comunidades, das regionalidades. E essas especificidades também ocorrem nas comunidades locais. Qualquer ação que se pretenda democrática deve encontrar nas diferenças um espaço de possível convergência.

São assim ações políticas, no qual se estabelecem as relações entre os homens, constituindo-se cidadãos.

REFERÊNCIAS

BERNARDET, Jean-Claude. O que é cinema. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOSI, E. Problemas Ligados à cultura das classes pobres. In: VALLE, E.; QUEIROZ, J.J (org). **A cultura do povo**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, Instituto de estudos especiais, 1988

BOURDIEU, P. **Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo/ Porto Alegre: EDUSP/Zouk, 2007.

_____, Pierre e PASSERON, Jean Claude. **A reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3ª ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1992.

BRASIL. Decreto N°6.177, de 1º de agosto de 2007. **Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais**.

_____. Decreto N°7.234, de 19 de julho de 2010. **Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES**.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.**

CFESS. **Subsídios para a Atuação de Assistentes Sociais na Política de Educação.** 3º Caderno: Série Trabalho e Projeto Profissional das Políticas Sociais. Brasília, 2011.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2010.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 48 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Ação cultural para a liberdade.** 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FONAPRACE. **Minuta para o Plano Nacional de Assistência Estudantil.** Fortaleza, 2010.

GADOTTI, M. Saber aprender: Um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação. 2000.

GROPPO, Luis Antonio e COUTINHO, Suzana Costa. **A práxis da educação popular: considerações sobre sua história e seus desafios diante da consolidação do campo das práticas socioeducativas.** Uberlândia: Rev. Ed. Popular, vol.12, n2, p.20-33, jul/dez2013.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social.** Rio de Janeiro: Meta: Avaliação, v 1, n 1, p.28-43, jan/abr,2009.

IFSP – Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia de São Paulo. **Portaria 3314/2011: aprova as diretrizes da Pró-reitoria de Extensão:** São Paulo, 2011.

IFSP – Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia de São Paulo. **Resolução 135/2014: aprova a Política de Assistência Estudantil (PAE):** São Paulo, 2014.

MACEDO, C. C. Algumas observações sobre a questão da cultura do povo. In: VALLE, E; QUEIROZ, J.J (org). **A cultura do povo.** 4ª ed. São Paulo: Cortez, Instituto de estudos especiais, 1988.

SANTOS, J.L.**O que é cultura?.** 14ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

VALLE, E.; QUEIROZ, J.J (org). **A cultura do povo.** 4ª ed. São Paulo: Cortez, Instituto de estudos especiais, 1988.